

LIMA BARRETO: EM CONEXÕES DE ATOS DE LER E DE REEXISTIR

Eliane Cristina Testa (UFT)

Davi Pereira Gomes (UFT)

Leomar Alves de Sousa (UFT)

“Aquele Quaresma podia estar bem, mas foi meter-se com livros.”

(Barreto, 2011, p. 107)

“É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça.”

(Barreto, 2011, p. 62)

INTRODUÇÃO

Que possibilidades temos no trabalho pedagógico com o texto literário em sala de aula? Com essa pergunta damos início a este texto e arriscamos dizer que elas são múltiplas, profundas e expansivas. Compreendemos leitura em consonância com a noção de leitura subjetiva (JOUVE, 2013) e dos leitores reais (ROUXEL, 2013), em que estão em jogo o retorno e a projeção de si, e a experiência leitora como espaço humano e “real”, cheia de camadas, nas quais leitor(a) e texto se comunicam transitivamente perspectivadas a partir de experiências humanas e

vivas, compartilhadas de valores e de saberes, operadas por soma, em que se prevaleçam um olhar subjetivo sobre o texto.

Dessa maneira, reconhece-se no sujeito um caráter ativo, de autonomia e de posicionamentos identitários, demonstrando que é viável partir dessa noção de leitura subjetiva, que mobiliza funcionamentos e fenômenos de subjetividade de leitura literária na escola pensada, também como, um espaço de letramento literário de construção contínua de “leitores reais” (ROUXEL, 2013). No entanto, não desconsideramos as formas de leituras mais analíticas e tradicionais também, tudo é passível a somar com as leituras subjetivas, que, aliás, é necessário elucidar que essas têm “limites”, não é um vale tudo, sem pé nem cabeça.

Por isso, nos processos de trocas e de interações leitoras, nos compartilhamentos ou no atos de leituras, o leitor e suas singularidades estão no centro da leitura, com suas capacidades de se apropriar do texto, e suas disposições e seus índices de “[...] uma relação viva com o texto e de uma interpretação legítima” (ROUXEL, 2013, p. 197) participativa, ativa e dotada de movimentos de afastamento, e de aproximação, nos quais integram e implicam perspectivas emocionais, éticas, estéticos, psicossociais, culturais etc. Especialmente, em face de apropriações da obra, como assevera Gérard Langlade (2013, p. 37): “[...] como se ela remetesse ao mundo real [...]”, ou frente a sua capacidade de despertar com o engajamento da leitora e do leitor múltiplas percepções de mundo.

Assim, posicionaram-se alunas e alunos da EJA no engajamento das ações mediadoras da leitura da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1881-1922). Nessa proposta pedagógica de leitura literária participaram, como mediadores de leitura dois professores de Língua Portuguesa e o grupo de leitura “Além da leitura”, um projeto desenvolvido de 2017 a 2018, que envolveu um grupo de acadêmicos do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins, do Campus de Araguaína – Unidade Cimba, nutridos pelos afetos que a literatura implica quando se acredita que a literatura é imprescindível à vida e ao homem. Esse projeto foi coordenado pelos professores doutores Eliane Testa e João de Deus Leite.

1. AÇÕES MEDIADORAS: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA ENGAJAR LEITORAS E LEITORES NA ESCOLA

A formação de leitores é uma construção exigente e depende de diferentes ações pedagógicas. Dentre elas, podemos ressaltar a mediação leitora como um caminho possível para se efetivar a construção de alunas(os) leitores. O que

compreendemos como mediação de leitura se pauta no engajamento de agentes leitores para fomentar, de maneira entusiástica, viva, efetiva e convicta o avanço da leitura literária na escola. Por isso, este processo pode contemplar professores, grupos de leitores, bibliotecas e outras/outros agentes de leitura.

Dessa maneira, dentro da perspectiva de fomento à leitura foi que o grupo de leitores “Além da leitura” se dispôs a mobilizar encontros em escolas estaduais na cidade de Araguaína, no estado do Tocantins, com alunas e alunos, para compartilhar experiências de leituras literárias. Quando o grupo “Além da leitura” foi formado em 2017 também assumiu o compromisso e o desafio de formar leitores que não faziam parte efetivamente do grupo. Por isso, o projeto percorreu escolas com o compromisso fundamental de ajudar estudantes a avançarem no ato de ler e também de partilhar procedimentos colaborativos de leitura.

Desse modo, uma das ações de mediação de leitura do grupo “Além da leitura” envolveu a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto, que em parceria com professores-mediadores da EJA, no Ensino Médio, possibilitaram uma socialização da leitura da obra desencadeando, assim, frutíferos processos comunicativos, ressignificando e ampliando a noção de aluna(o) leitor(a) para cidadãos leitores, uma vez que o ato de ler na escola, sobremaneira também é um ato de (re)existir, um direito à leitura de mundo “[...] como um direito à cidadania” (SANTOS, 2009, p. 38). Além disso, houve uma ampliação das abordagens com discussões de questões de raça e de classe, que estão imbricadas em relações de ética e de política que a obra de Barreto contempla em suas diversas camadas de leitura.

Essa prática de socialização de leitura literária também demanda do professor-mediador, enquanto sujeito-leitor, mesmo mediante às condições de trabalhos educacionais na escola básica, que implicam várias (des)ordens da vida contemporânea e profissional, mas que mesmo diante de tantos percalços, abre-se para viver, como um leitor-ativo, sempre em vias de uma prática leitora contínua e processual. Essas práticas leitoras do professor(a) contribuem nas relações de mediação na sala de aula e potencializam as ações metodológicas, que tendem a se tornar mais sólidas e com maiores chances de efetivar uma mediação dinâmica e exitosa, levando em consideração as suas singulares e vivências/experiências.

A seguir propomos algumas reflexões sobre as muitas vozes que se encontram e transbordam ocupando espaços da sala de aula em redes de interações leitoras. Se pensarmos as vozes também como ocupação de espaços. Lembremos daquilo que conceitua Djamilia Ribeiro (2017), como “lugar de fala”: “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala

como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Nessa perspectiva, o professor-mediador de leitura na EJA tem suas práticas pedagógicas pautadas no diálogo e nas interações constantes com os estudantes, que quase sempre são jovens e adultos trabalhadores que perspectivam, por meio dos estudos, alcançarem melhores condições de vida ou uma sobrevivência mais digna no mundo do trabalho. Assim, o professor-mediador de leitura literária constantemente é solicitado a dialogar sobre as leituras propostas e realizadas pelos estudantes, no sentido de auxiliá-los na compreensão das diferentes camadas que envolvem o texto literário. Por isso, o professor-mediador assume importante papel social de interlocutor entre as leituras realizadas por alunas e alunos, e os modos como esses estudantes são capazes de externar suas compreensões de leituras, que implicam, ainda, levar o professor-mediador a desenvolver uma escuta sensível.

Nesse contexto, o lugar de fala assumido pelo professor-mediador não deve ser confundido com uma postura pedagógica controladora de leituras, mas antes, e sobretudo, pautada nas práticas pedagógicas permeadas de constantes diálogos, de modo que caiba a ele sugerir (e não impor aos estudantes) obras e autores, que tematizam, principalmente, contextos alusivos às posições psicossocioculturais da(o)s estudantes da EJA. Sendo assim, quando se valoriza a própria realidade da sala de aula, as/os estudantes são capazes de ressignificar seus papéis sociais a partir das chaves de leituras e ainda de levantarem inúmeras reflexões, que são oportunizadas pelas leituras literárias, a exemplo das discussões suscitadas pela leitura da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto.

No que concerne à proposta metodológica que culminou na leitura da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto, foi adotada a roda de conversa sobre o livro, onde o professor-mediador investiu na contextualização histórico-social ligada à época da produção da obra de Barreto, no Brasil. Além disso, uma boa apresentação da própria obra foi adotada como ponto de estímulo da(o)s estudantes da EJA. Ademais, adotar estratégias pedagógicas que aguçam a curiosidade de alunas e alunos para a leitura do livro, e instigá-la(o)s constantemente com a valorização do mesmo, viabiliza as/os estudantes, consequentemente, a verbalizarem semelhanças e/ou diferenças aos atuais contextos contemporâneos do Brasil, que, como sabemos tem uma complexa estrutura política, que acaba definindo, decisivamente, nas relações raciais, de classe e de gênero na sociedade.

2. AS VOZES, A EJA, A ESCOLA E A REDE DE INTERAÇÃO LEITORA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um segmento que tem por finalidade oportunizar uma educação às pessoas que não tiveram acesso na idade apropriada, ou seja, jovens e adultos que por algum motivo tiveram que deixar a escola para dar seguimento na vida pessoal e profissional. Sendo assim, a EJA é uma modalidade de ensino que adota um currículo diferente dos segmentos considerados regulares, voltado para aulas mais dinâmicas e com engajamento maior, no que diz respeito à alfabetização e letramento dos sujeitos que dela fazem parte.

Desse modo, as vozes que são silenciadas pelas circunstâncias da vida tomam fôlego e se fazem aparecer no segmento EJA, para tentar recuperar o tempo considerado perdido, tendo em vista que são vozes de jovens e de adultos que possuem uma carga de trabalho excessiva e cansativa na maioria dos casos, mas que não medem esforços para conseguir conciliar escola e trabalho, muitos deles trabalham durante o dia e estudam à noite. Essa é uma realidade que caracteriza o perfil da EJA.

Devido às várias situações da vida da(o)s estudantes da EJA, o esforço deles para participar de todas as dinâmicas da sala de aula é maior, e se engajar nesse processo depende da postura e de como a/o professor(a) conduz o conteúdo a ser ministrado, que faz parte do currículo escolar, mas pode ser expandido, complementado sob as demandas da realidade de aluna(o)s, que têm suas histórias tão presentes na escola. Por isso, é necessário se pensar em abordagens mais leves e com didáticas menos cansativas na rotina de um estudante trabalhador, mas sem esquecer que não podemos descartar a formação leitora que vai desencadear um leitor mais autônomo e crítico.

A literatura surge nesses espaços como forma de resistência e de “letramento de reexistência”, como defende Ana Lúcia Silva Souza (2011):

[o]s letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as **práticas cotidianas de uso da linguagem**, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (SOUZA, 2011, p. 36, grifo nosso).

Nesse sentido, o “letramento de reexistência” (SOUZA, 2011) ajuda na construção de aluna(o)s críticos e reflexivos, uma vez que atuam no campo da “complexidade social e histórica”, e sempre deslocando e movimentando o uso da linguagem nas práticas sociais. Também contribui em sentido semelhante Rildo

Cosson (2010), quando elabora seu conceito de letramento literário, para quem o compreende como o uso da literatura nas práticas sociais.

Além disso, Cosson (2010) também defende a ideia de que a relação entre ensino/educação e literatura é muito antiga, como salienta o autor “[...] a literatura já era usada como matéria de formação, ensino e aprendizagem em diferentes culturas” (COSSON, 2010, p. 55). Dessa maneira, a literatura desempenha um importante papel na construção da sociedade, isso é inegável, pois ela não tem o papel de ensinar, alfabetizar, mas faz isso ao libertar os sujeitos que dela se apropria, pois ela humaniza (CANDIDO, 2002).

Ainda é Candido (2002) que assevera que a literatura “[...] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos de o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85). Fazer (re)viver é uma das expressões fundamentais na EJA, uma vez que a leitura literária nessa perspectiva precisa subjetivar as vozes de aluna(os), fazendo com que esses possam ter uma experiência de serem ouvidos, como aponta Souza (2011) “[...] de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos”.

Essa experiência de leitura na EJA, em formação contínua, é um modo de valorizar as vozes, que comumente são silenciadas se considerarmos as esferas de poder e os projetos capitalistas/neoliberais que percorrem o mundo, onde muitos têm o acesso à escola negado, e a oferta de trabalho é precarizada. À vista dessa situação, os sujeitos ficam reféns de sistemas políticos perversos e excludentes, preponderando uma dominação de acesso à educação e aos bens culturais, sobretudo, às pessoas menos favorecidas e/ou em situações de vulnerabilidade.

Sendo assim, é papel de uma rede de interação na formação de leitores literários promover trocas sensíveis nos modos de ler e de ouvir, para que haja entradas mais afetivas e reais nas interpretações advindas da(os) jovens e adultos da EJA. Desse ponto de vista, o nosso encontro de vozes e agentes leitores contribuíram para o amadurecimento de seus percursos de leitores. E a mediação do professor é tentar alcançar sempre diferentes meios de tornar as/os estudantes dignos/as de exercerem sua cidadania, como destacam Abreu e Andrade (2011):

[p]ode-se notar quando se ouve alunos da EJA, que procuraram a escola com o sonho de adquirir habilidade de leitura e ter sob essa habilidade, a possibilidade de reclamar por condições mais dignas de vida. Portanto, é perceptível através dessa reivindicação a consciência de que aprender a ler, se não é condição essencial para o direito à cidadania, a leitura literária constitui-se como recurso auxiliar para tal fim. Nesse estágio, nota-se a relação de natureza crítica que se estabelece entre o ensino de literatura e a educação de jovens e adultos (ABREU; ANDRADE, 2011, p. 15).

Dessa maneira, como afirmam os autores, aluna(o)s têm consciência do “poder” da leitura e é daí que veem, em seu bojo, o direito de exercer as suas cidadanias de modos mais dignos. Essas conexões da literatura com a vida, com a sociedade engendram outros meios de experiências e agenciamentos de letramentos. Por isso, na EJA as práticas de leitura são importantes agências de letramento, pois “[...] grande parte da população brasileira aprende a ler na escola e tem acesso às primeiras leituras também nesse contexto” (SILVA; MARTINS, 2010, p. 26). Nesse sentido, a escola ainda é o lugar principal de contato/contágio com a leitura literária.

3. LIMA BARRETO EM CONEXÃO DE VIVÊNCIAS LITERÁRIAS: LER E REEXISTIR

As vivências com o texto de literatura dentro de uma sala de aula são inúmeras e as possibilidades de criar estratégias de mediação leitora também, pois não existe fórmula pronta e acabada para desenvolver didáticas de leituras com o texto literário. Além disso, a presença do livro físico na sala de aula, como foi estabelecido no caso da nossa proposta, também implica outras relações de contato/contágio com a obra literária. Assim, salientamos que dentre as inúmeras relações desse contato físico com o livro existe uma construção de afetos, mesmo que estes sejam mobilizados de modo (in)consciente. Ademais, o objeto livro cria na memória lembranças de tatilidade, de cheiros, de percepções de volume, de tamanho etc., sem falar nas imagens das capas das obras, já que essas podem ficar registradas para sempre em nossas mentes, e, porque não dizer, nos nossos corações.

Nesses encontros plurais de possibilidades leitoras, destacamos a participação dos estudantes-leitores da EJA, da(o)s participantes dos projetos “Além da leitura”, da(os) professores-mediadores de leitura e do objeto livro em sala de aula. Foi desses encontros e afetos que muitas chaves de leituras se deram e a partir da ideia de compartilhamento de leitura “[...] com seus dinâmicos e moventes dispositivos de interação e de integração [...]” (TESTA, 2019, p. 84), que emergem algumas reconfigurações do texto literário, garantindo, assim, nesse processo todo, uma pluralidade de leituras, expressas, principalmente, pelas polifonias das vozes.

Nesse contexto da escola, da sala de aula, com a leitura da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto, a leitura engaja também um jogo amplo e de muitas camadas, em que estão inseridos os atravessamentos dos tempos, as percepções dos leitores e o movente “jogo” dos “leitores reais” (ROUXEL, 2013). Por isso, nesse caminho da leitura literária, vemos que a centralidade está pautada no “leitor real”, e a leitura do leitor real, como jogo de possibilidades, segundo

Eliane Testa (2019, p. 85): “[...] é um modo de reativar as (re)apropriações do texto pelo sujeito leitor em condição ‘real’” (grifo mantido do original).

Dessa maneira, (re)ativar um texto é também propor chaves de leitura, o que gera também ressignificações para o texto. Por isso, nesse campo aberto e sempre inacabado dos atos de ler, aglomeram-se ideias, circulação de pensamentos, de efeitos de sentidos, de zonas profundas e profusas de convergências e de divergências, que amalgamam a circulação de encontros, para engendrar diferentes “formas” de experiências de leitura. Assim, das vozes coletivas ou da comunidade de leitores, destacamos a seguir, quatro chaves de leitura que marcaram a nossa roda de compartilhamento de leitura, a saber: (i) A contemporaneidade da obra que ainda se faz tão marcante na sociedade de hoje (a leitura da obra de Barreto mostra-se ainda muito atual, principalmente por todos os acontecimentos nacionais que vivenciamos nesse período); (ii) A desvalorização da cultura e das riquezas nacionais; (iii) A valorização da cultura estrangeira; e (iv) Temáticas políticas.

Ressaltamos ainda que as quatro chaves de leitura foram fundamentais para avançarmos com as leituras na EJA. Além disso, essas “chaves” encontram-se registradas no blog (clubemalemdaleitura.blogspot.com) e também presentes no livro *Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita*, organizado por Testa e Leite (2019). Outrossim, foram selecionados trechos da obra de Barreto, que revelam aquilo que marca as leituras dos sujeitos em situação de compartilhamento. Vejamos, a seguir, as partes que impactaram os leitores:

Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável da nossa própria natureza, fica amedrontado, sentindo que o gérmen daquilo está depositado em nós e que por qualquer cousa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmo, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após (BARRETO, 2011, p. 72).

Nesse trecho, podemos observar o impacto da natureza humana sobre a leitura da(o)s estudantes. Vemos que o interesse sobre a natureza os conduziu em suas intersubjetividades à escolha do fragmento citado. E pensando na citação, poderíamos realmente trazer a pergunta: O que seria a natureza humana? De acordo com o trecho da obra, seria um enigma. Mas, esse há muito tempo que filósofos, cientistas, poetas e loucos tentam compreender. No entanto, o que nos atravessa são mundos tão complexos que não conseguimos, de fato, fechar qualquer conceito, pois a natureza humana é o que vem antes e depois. Eis a complexidade da existência. E, para sobrevivermos, criamos, na maior parte do tempo, mundos

paralelos. Tudo nos invade com tamanho e força tal, que a loucura, o desespero e o absurdo que nos amedrontam e nos salvam o mundo, os outros, e a nós mesmos:

Não estava ali a terra boa para cultivar e criar? Não exigia ela uma árdua luta diária? Por que não se empregava o esforço que se punha naqueles barulhos de votos, de atas, no trabalho e no fecundá-la, de tirar dela seres, vidas – trabalho igual ao de Deus e dos artistas? Era tolo estar a pensar em governadores e guaribas, quando a nossa vida pede tudo à terra e ela quer carinho, luta, trabalho e amor... (BARRETOS, 2011, p. 95).

No fragmento selecionado, podemos verificar que o personagem Quaresma, com seus ideais de quem luta por uma política que se efetive nos valores do bem-estar humano, se autointitula de “tolo”, pois a luta é exigente e árdua, e na sua visão o que deveria ser valorizado como “trabalho” é o trabalho do artista (como demiurgo) e das coisas da terra, que nos dá o pão a comer. Vemos, assim, a valorização da terra como provedora do sustento do homem:

Para Dona Adelaide, a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara com príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido (BARRETO, 2011, p. 124).

Verificamos também que no trecho escolhido da obra de Barreto, o que se destaca é a simplicidade e os outros modos de viver no mundo: sem muitos sonhos pautados no acúmulo de bens, na junção de capital. E esse modesto jeito de ser da personagem conseguiu mobilizar nas alunas e alunos leitores um movimento de aproximação da personagem, que despertando neles, um carinho, um afeto e até um reconhecimento social, pois, estamos numa sala da EJA, em que a maior parte da(o)s estudantes são trabalhadores jovens e adultos que tentam encontrar na literatura o entendimento de seus contextos sociais:

Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falar ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira! (BARRETO, 2011, p. 210).

Já neste último fragmento selecionado, constatamos que o sonho (a quimera), mesmo contra todos os desgastes do tempo e dos desenganos faz uma existência tornar-se outra, mesmo que o “custo” a pagar seja alto, mesmo contra tudo e todos, mesmo que a existência se esvai aos olhos de outrem sem sentido e senso

de “realidade”. Cada pessoa terá a sua luta, a sua lida e o seu “triste fim”, com o aval ou sem o aval dos seus (des)semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo trouxe reflexões sobre como a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto, pode ressignificar o ensino de literatura na EJA. Nossa abordagem enfoca partilhar práticas de leituras adotadas na escola que ajudaram a viabilizar o “letramento de reexistência” (SOUZA, 2011). Esse letramento visto, ainda como prática social vai ao encontro da ideia de que é necessário engendrar estratégias pedagógicas de leitura literária que ajudem no enfrentamento das desigualdades sociais. Além disso, ter levado para sala de aula uma obra de Barreto, é também perspectivar integrar na escola (e fora dela também) questões de raça, de gênero e de classe.

Professores/as e alunos/as da EJA têm vez e voz, todas e todos “existem” e reexistem nos espaços da sala de aula, e a literatura tem que ser sentida, vivida, pensada e vista, como um “direito humano” (CANDIDO, 1989). Por isso, a obra de Barreto, que possibilitou reunir alunas, alunos, professoras e professores, faz fervilhar nossos “direitos humanos”, abre pontes para as diferentes escutas sensíveis, e, ainda, consegue efetivar o letramento de reexistência como uma prática social, ética e política.

Além disso, oferecer aos estudantes da EJA, que são leitores em construção contínua, obras canônicas e não canônicas é mais um modo de fazer com que o papel humanizador da literatura se estabeleça na vida destes jovens e adultos. Ademais, o papel dos mediadores de leitura, que são professores que estão à frente do processo de letramento é de suma importância na escolha das obras.

Também a formação leitora na EJA perpassa por valorizar aquilo que alunas e alunos se dispõem a subjetivar no mundo, considerando as suas criticidades, suas falas, suas autonomias de sujeitos leitores reais, especialmente mediante uma sociedade letrada. À vista disso, na sala de aula é necessário sempre buscar meios de emancipar e de amadurecer a(o)s leitora(e)s, e uma boa estratégia para tal intento, é investir em uma interlocução próxima (ou profunda) entre leitor e obra, como destacam Márcia Cabral da Silva e Milena Ribeiro Martins (2010, p. 25), “[...] o leitor tem a possibilidade de conhecer e compartilhar das diferentes dimensões da experiências humana, dos imaginários de outros povos e de outras épocas, mesmo sem nunca tê-los vivenciado”.

Nessa perspectiva, as vivências com as leituras literárias advêm de experiências humanas e por isso, não podem ser engessadas – temos que considerar toda a complexidade do ato da leitura, considerar, ainda, as muitas camadas que estão presentes num texto de literatura também, e que estas se abrem para muitas leituras e sentidos. Nesse contexto, é sempre importante considerar trazer para sala de aula obras clássicas e contemporâneas, como uma didática de leitura e um modo que professores alcancem expandir as experiências leitoras da(o)s estudantes, sejam eles da EJA ou não.

Olhares e vivências, vozes da EJA, em luta na lida da vida, frente aos desafios de conquistar um estudo formal. A literatura tem que ser acolhimento, motivação, querença, momento de experiência de leitura, engajamento aos letramentos de reexistência, acontecimento etc. Que o livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto, possa ser atualizado a cada leitura, lido com os olhos do tempo do(a) leitor(a), e que consigam realizar as relações, as conexões, os achados para que a obra não envelheça, pois nela sempre haverá as brechas, as rachaduras, as proximidades, as contaminações que levantam as vozes que são postas silenciadas, seja pela vida, ou por tudo que lhes é negado de acesso à cultura, um lugar, uma (re)existência, uma resistência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Elânia Cristina Soares de; ANDRADE, Miguel Wanderley de. *A importância da literatura na EJA*. Intesa (Pombal/PB – Brasil), v. 4, n. 1, jan./dez 2011, p. 13-20. Disponível em: file:///C:/Users/Aparecida/Documents/artigos%20LP2/EJA.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades, ed. 34, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca (org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

JOUBE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. Trad. Neide Luzia de Rezende. In: ROUXEL, Annie;

LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luiza de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. Trad. Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luiza de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

ROUXEL, Annie. O advento dos leitores reais. Trad. Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luiza de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. Experiência de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca (org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramento de reexistência: poesia, grafite, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

TESTA, Eliane C. Além da leitura: “leitores reais” em condições de compartilhamentos de leituras. In: TESTA, Eliane; LEITE, João de Deus (orgs.). *Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

TESTA, Eliane; LEITE, João de Deus (orgs.). *Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.